

## **PAISAGENS AFRICANAS DA GRANDE GUERRA:**

### **UMA GUERRA DE EMOÇÕES**

Ana Paula Pires

Entre o ultimato britânico de 1890 e o final da Grande Guerra Portugal enviou mais de 100 000 soldados para Angola e Moçambique uma minoria, branca, em territórios onde a presença europeia era ainda diminuta. As primeiras tropas portuguesas chegaram a Moçamedes (Angola), e a Lourenço Marques (Moçambique), respectivamente a 1 e 16 de Outubro de 1914, a maioria dos homens que as integrava transportava uma imagem mental pré-construída destes territórios, observando-os do ponto de vista da cultura europeia (portuguesa) do colonizador.

Quando o herdeiro do trono do império austro-húngaro, Francisco Fernando, foi assassinado em Sarajevo, viviam em Moçambique pouco mais de dez mil e quinhentos portugueses brancos. A população aproximada da colónia rondava então os dois milhões e oitocentos mil

habitantes<sup>33</sup>. A cidade de Lourenço Marques concentrava a maioria da população branca, os bairros da Ponta Vermelha e da Polana, próximos da praia, eram o local onde viviam os mais abastados.

A I Guerra Mundial gerou um movimento transnacional de pessoas único e criou amplas “zonas de contacto” que expuseram milhões de combatentes e não combatentes a novas ideias, práticas e tecnologias, criando novos espaços de encontro entre pessoas e culturas – entre colonizadores e colonizados. Entre 1914 e 1918 soldados portugueses viajaram para África e para a Flandres e viveram na maioria dos casos a sua primeira e, muitas vezes, única viagem internacional.

A partida das tropas de Lisboa para África foi acompanhada por uma população resignada: “Principio de Junho, à tarde, desfilou o batalhão de Campolide até ao Cais da Areia. Da parte da tropa, marcha resignada e fatalista para o desconhecido. Nem entusiasmo, nem desalento. Da parte do público, na longa travessia, a indiferença mais completa, como se se tratasse de um regimento que fosse fazer manobras nos arredores da cidade. Nenhum interesse, nem sequer curiosidade; um vácuo mais doloroso do que a própria hostilidade”<sup>34</sup>. A viagem demorava cerca de um mês.

A paragem na Cidade do Cabo era aproveitada por muitos soldados e oficiais para irem ao cinema, aos restaurantes ou simplesmente passear pela cidade. Os relatos e as memórias dos militares portugueses que participaram na campanha africana oferecem-nos um espelho para um mundo e uma paisagem que a grande maioria da população desconhecia: comentaram hábitos culturais, formas de vestir e contribuíram para a construção de uma imagem popular tanto do império como do exército. À chegada à Cidade do Cabo, Américo Pires de Lima conta o seguinte: “No cais tomámos contacto pela primeira vez com as populações africanas: grandes diabos negros, vestidos da mais imprevista maneira, carregavam e descarregavam navios em grande azáfama. Mas, deixadas as docas, encontramos uma grande cidade de fisionomia europeia” (...) Ao desembarcar no Cabo não nos animava apenas a ansiedade de contemplar e visitar lugares incrustados na história e na alma portuguesa; não nos seduzia apenas o prazer material de pisar terra firme e de ver

---

<sup>33</sup> *A Manual of Portuguese East Africa*, London, His Majesty's Stationery Office, 1920, p.86.

<sup>34</sup> Américo Pires de Lima, *Na costa d'África. Memórias de um expedicionário*, Gaia, Edições Pátria, 1933, p.7.

pinheiros, arvoredos, casas e uma paisagem sem o carácter movediço e incerto que vinha fazendo a nossa desesperação”<sup>35</sup>.

Visitar cidades, mesmo que por poucas horas, deu aos soldados a sensação de estarem fora do País, esta experiência colocou-os em contacto com realidades culturais e paisagísticas diferentes, alguns homens encontravam nestas experiências a oportunidade de melhorarem a sua própria cultura geral, e, em alguns casos visitaram monumentos com grande entusiasmo, de que o relato de Carlos Selvagem dá conta, na cidade do Cabo: “Uma vadiagem observadora por Adderley Street, a artéria chic da cidade e seu esquadro elegante ? Uma visita ao Museu Municipal no Town-Hall, onde nos dizem existir o padrão de Bartolomeu Dias, antigas lápides do tempo das Descobertas (...). Para ser franco, eu fiquei vagamente saudosos das minhas vinte e quatro horas no Cabo. As ruas são largas, os homens são fortes, as crianças são loiras, o dinheiro é em ouro”<sup>36</sup>.

Na Beira, Américo Pires de Lima contava: “Uma noite, com vários oficiais, dei-me ao luxo de assistir a um espectáculo cinematográfico em um barracão, que, para esse efeito, existia na Beira”<sup>37</sup>. Com excepção dos militares de carreira, o serviço militar é uma espécie de exílio da sua própria vida pessoal, uma deslocação da sua vida familiar/pessoal, frequentar restaurantes era também uma forma de voltar a tomar refeições de acordo com os padrões dos civis, as tropas regressavam assim, temporariamente à sua identidade civil, recriando comportamentos e interações sociais anteriores à guerra.

As imagens de África, outrora distantes, e apenas acessíveis a um punhado de pessoas podiam agora ser vista e examinadas em muitos lares portugueses. Tanto o continente europeu como o continente africano foram influenciados por estas interações que tiveram impacto ao nível da etnia de alguns povos, fruto da miscegenação entre militares brancos e africanas, mas também do contacto com alimentos, formas de estar e comportamentos totalmente diferentes.

Os militares necessitam de ser culturalmente instruídos, ter uma mente aberta e tolerante, de modo a aceitarem e apreciarem diferentes culturas, mostrando até que ponto é que a nossa própria herança cultural pode condicionar a nossa forma de compreender realidades distintas. Na verdade e recorrendo, uma vez mais, ao testemunho de Pires de Lima, este

---

<sup>35</sup> *Idem*, p.14.

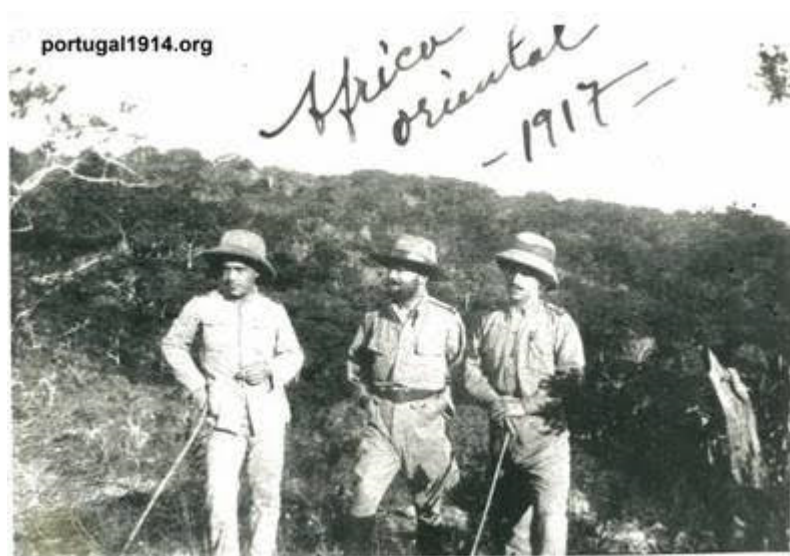
<sup>36</sup> Carlos Selvagem, *Tropa d'África*, Paris/Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924, p.41.

<sup>37</sup> Américo Pires de Lima, *Na costa d'África. Memórias de um expedicionário*, Gaia, Edições Pátria, 1933, p.113.

desconhecimento encontra-se bem presente: “Uma das instituições mais daninhas da costa de Moçambique é certamente o monhé, estranho animal oriundo da Índia inglesa, sanguessuga insaciável de todos os magros cobres que o indígena consegue haver à mão”<sup>38</sup>. Ou o relato de Carlos Selvagem: “Para quem desde já nutria um orgulhoso desprezo de raça por esta infecta canalha monhé, - tão pitoresca, e resto, nos seus balandras e pantalonas de linho branco, nas suas babuchas de veludo bordado, no seu turbante ou “coffiah” vermelho, - esta absurda familiaridade europeia de homens brancos, oficiais do exército, com espécime tão evidentemente indígena, fazia logicamente arregalar um olho de espanto (...) Alimentam-se de arroz e peixe seco, doutras nauseabundas iguarias indianas, obrigadas a caril, o medonho caril nacional da Índia (...) Vêm todos da Índia Inglesa, de Bombaim, de Calcutá”<sup>39</sup>.

Actualmente a necessidade de conciliar a diversidade étnica e cultural está mais presente que nunca, uma vez que assistimos diariamente a ataques extremistas que decimaram algumas das mais ricas e diversas paisagens culturais do mundo, dando início a uma nova época de violência, cujo principal alvo é a memória.

A valorização da análise histórica pode assim funcionar como uma das componentes fundamentais para o desenvolvimento de uma educação para a tolerância e para a paz.



Soldados portugueses na África Oriental durante a 1ª Grande Guerra. Fonte: <https://www.europeana.eu/portal/pt/collections/world-war-i?page=17&q=Portugal&view=grid>

---

<sup>38</sup> *Idem*, p.65.

<sup>39</sup> Carlos Selvagem, *Tropa d'África*, Paris/Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924, p.88.